



## EM TEMPOS

Alargada reportagem sobre a Revolução Galega de 1846, facto histórico de grande relevância, como prova a multitude de interpretações que fôrom feitas arredor dela ao longo dos anos, da visom dos românticos regionalistas ao negacionismo espanhol.

## CRIAÇOM

Pedro Casteleiro publicou os seus primeiros textos poéticos em Compostela, na revista universitária *Ólisbos*, pelo final dos anos 80, e ganhou por duas vezes o prémio nacional de poesia da Associação Cultural O Facho, da Corunha. Fez parte do grupo poético Hedral e é colaborador do blogue literário *O Levantador de Minas*. Hoje achega-nos a sua olhada desde o centro da vida.

## CINEMA PARA PENSAR

Francesco Traficante achega-nos a fita "Umha mulher em Berlim", dirigida por Max Färberböck em 2008 e baseada num livro escrito sob o mesmo título que o filme e assinado sem nome, isto é, "Anonyma". Tal nome fai referênciam por um lado à própria narradora dos fatos, e, por outro lado, à invisibilização das mulheres também nos conflitos bélicos e particularmente à ocultação da história das e destas mulheres.

## EM TEMPOS

# Os outros independentistas galegos

C. C. V.

Quando a Argentina celebrou o primeiro centenário da sua independência, a colónia galega no país aproveitou o evento para reivindicar-se, editando numerosas publicações em que sublinhavam o importante papel dos seus compatriotas na guerra contra a metrópole espanhola. A pouco que se busque, encontram-se galegos em todos os processos de libertação da América Latina, muitos nas posições mais destacadas. Agora que chegam as celebrações do bicentenário, recordar o papel destes galegos é recordar também a nossa história nacional esquecida, a nossa história "exterior", que ao contrário de outras nações com uma diáspora massiva, ainda não recordamos na sua justa medida.

A participação de galegos e/ou descendentes de galegos nos processos de libertação é fulcral. Simão Bolívar "O Libertador", bisneto do corunhês Pedro Ponte de Andrade, que passa a sua noite nupcial na Corunha, "protótipo mental do galego" para Salvador de Madariaga. António Nariño, Vice-presidente da Grande Colômbia,

originário da aldeia do mesmo nome do Vale do Duvra. Os ferrolanos Francisco Bermudes e José Pardo de Cela, que obtiveram as maiores honras militares pela libertação de Lima, no Peru. José Bernaldes Polledo, Francisco Xavier Dias e Filipe António Varela Padim, homens de confiança de San Martín. O primeiro presidente da Argentina, Bernardino Riba d'Ávia; o primeiro presidente do Uruguai, João Manuel Barreiro Camba; o primeiro presidente da Venezuela, José António Páez; o do Chile, Ramão Barros, etc...

Na Venezuela, também há próceres da independência galegos: "velaí – indica Xurxo Martínez Crespo – os filhos de galego e irlandesa, as irmãs Santiago e Conceção Marinho; cada uma, desde o Leste venezuelano, libertou o país. Santiago com os seus homens armados e Conceção traficando armas desde a ilha inglesa de Trindade e Tobago". O primeiro presidente da Venezuela será outro descendente de galegos, José António Páez, que se enfrentará a Santiago Marinho na Revolução das Reformas.

Colaborou na criação dos símbolos nacionais venezuelanos e colombianos. Embora muito mais adiante no tempo, não podemos esquecer a importância de Rómulo Gallegos Freire, descendente e namorado da Galiza e Beluso.

De pai galego e mãe portenha nasceu Francisco Acunha de Figueroa, autor do Hino Nacional do Uruguai – que na primeira versão incluía duras referências a Espanha, Portugal e o Brasil – e do Hino Nacional do Paraguai, o "Paraguayos, república o muerte". Deste último país foi poeta nacional Vitorino Abente Lago, nascido em Mugia em 1846, ano da Revolução Galega. Antes de finar no Uruguai, visitou a Galiza, onde compujo "Volta prá Terra". Seguramente seria parente do irmandinho Gonçalo Lopes Abente, membro também do Seminário de Estudos Galegos.

Em Cuba, não podemos esquecer o libertador, e emigrante galego, Francisco Vilhamil, que dá nome à veterana Associação de Amizade Galego-Cubana fundada em Vigo no 1981. Se Vilhamil é o mais conhecido, Neira Vilas recu-



Simão Bolívar "O Libertador", bisneto do corunhês Pedro Ponte de Andrade

pera histórias tão interessantes como as de Bieito Gomes, natural de Vila Verde (Silheda), que adestrou abelhas para atacar as tropas espanholas, quase cem anos antes de que os apicultores de Can Tho, perto do rio Mekong, figes-

sem o mesmo contra os ianques; ou ao do Capitão Félix dos Rios, nascido em Riba d'Eu. É bem conhecida, também, a estima de José Martí ao povo galego. E que vamos dizer do papel galego na Revolução...





EM TEMPOS

O ASSASSINATO DOS MÁRTIRES DE CARRAL NOM CONSEGUIU CORTAR O FIO CONDUTOR DO GALEGUISMO POLÍTICO

# Nós na Revolução Galega de 1846

R. R., D. do A.

Por onde deixar agromar a história...? Umha tarde com cheiro a pólvora, a sangue e a derrota, a pequena vila de Carral já se decatara de que aquele nom era um domingo qualquer. Os acontecimentos desse dia gravariam para sempre a palavra “Mártires” ao carom do topónimo. A Capela do Socorro servia de prissom. A Fraga do Rei, a meio caminho entre o cemitério e a cadeia improvisada, preparava-se para amortecer os estalidos surdos que dariam fim ao levantamento de 1846. Era 26 de abril...

Os finais costumam ser derrotistas, com perdedores e com uma tinteira encarnada. Definitivamente, os começos vitoriosos som melhores... Umha encantadora manhã de primavera, as muralhas luguesas protegiam, sem sabê-lo, o germolo do soberanismo galego. Às 5 da tarde do dia 2 de abril, todos os preparativos levados a cabo polo partido progressista de Lugo e os cálculos do segundo batalhom do Regimento de Samora, que se encontrava de passagem para Valhadolid, dêrom no pronunciamento na Praça Maior da cidade da muralha.

Da importância da Revolução Galega de 1846 é prova a multitudine de interpretações que fôrom feitas arredor dela ao longo dos anos. Desde a visom dos românticos regionalistas que figêrom do levantamento um mito independentista, passando pola historiografia espanhola mais negacionista e mal-intencionada, podemos chegar até a versom atual e se calhar mais ageitada que toma o levantamento coma o que foi: a primeira expressom dum galeguismo político ainda novo e em gestação mas que conseguiria manter-se vivo e ir medrando cada vez mais até o dia de hoje.

O historiador que estuda a Revolução Galega de 1846 mais próximo no tempo a esta foi Francisco Tettamancy, que escreve sobre ela em 1908. Para Tettamancy, militante regionalista em Solidaridad Gallega, o objetivo principal do levantamento estava claro: a independência da Galiza. Ainda que os Mártires de Carral já fôrom reco-

nhecidos e homenageados polo segundo provincialismo e polo regionalismo do XIX, é com a crónica de Tettamancy, La Revolución Gallega de 1846, que a revolta ficará consolidada como marco fundacional do galeguismo político. Do Porto, historiador coetâneo de Tettamancy, fala das diferentes forlas que participárom na sublevação e dos diferentes objetivos que albergavam,, incluindo “emancipação galega”.

Nom houvo que aguardar para que os militares sublevados fossem tomados como simbolo de todos aqueles que compartilhavam o projeto emancipador galego. O fuzilamento dos líderes militares da rebelião e a repressão contra o movimento galeguista gerou umha divisom entre duas gerações de provincialistas. A segunda geração já se declarou herdeira do 1846. Murguía escreveria na imprensa da época sobre a sua lembrança de ver as escaramuças polas ruas de Compostela desde a sua residência natal quando era neno, sendo um dos primeiros que iria construindo o mito. Já no século XX, concretamente no ano de 1904, será construído o atual monumento em homenagem aos Mártires, na própria vila de Carral, por iniciativa da Liga Galega da Corunha, com o escudo da pátria galega e a inscrição “Mártires da Liberdade. Mortos o 26 de abril de 1846”. Foi também um 26 de abril, em 1931, que Manuel Lugrís Freire homenageou os Mártires ao pé do monumento, duas semanas depois da proclamação da II República espanhola.

## Semente da Galiza soberana

Seria um erro acreditar na existência dum discurso soberanista explícito no galeguismo de 1846, do mesmo jeito que seria um erro tentar ler os factos ocorridos nesse tempo com a linguagem política a que estamos afeitos e afeitas hoje em dia. Cumpre ter em conta que o levantamento militar do Coronel Solís apanhou os provincialistas numha época em que o movimento galeguista ainda se estava a formar. Reduziam-se a grupos de estudantes universitários e da peque-



Capa de La Voz de Galicia de 22 de maio de 1904

na burguesia compostelá. O seu discurso político nom era homogêneo e mesmo contradizia-se muitas vezes. A isto há que acrescentar que nom faziam explícitas muitas das suas propostas, o que respondia a umha táctica política a curto prazo, dado que nom lhes convinha levar-se mal com outros sectores sublevados mais fortes ou provocar rejeição numha sociedade ainda nom preparada para as ideias emancipadoras. O facto de nom levar a cabo medidas concretas em prol da autonomia do país no curto tempo de vida de que gozou a Junta, sugere que os galeguistas nom contavam com o fracasso do pronunciamento e que aguardavam tempos de maior estabilidade para começar as reformas.

Se atendermos as respostas que os provincialistas davam a problemas políticos concretos, encontraremos neles certamente a mesma essência do soberanis-

mo atual. O principal problema do país é o centralismo espanhol, que jogava em contra dos interesses galegos mediante taxas e tributos pensados para um sistema de propriedade da terra radicalmente oposto ao nosso, sangrando umha nação maioritariamente labrega e condenando-a ao subdesenvolvimento. Está a ideia da Galiza “como autêntica colónia da corte”, ainda que nom com a concepção atual, a situação do antigo reino podia ser análoga dalgum jeito à das outras colónias de ultramar.

As soluções para o país passam necessariamente por tomar consciência da singularidade galega, da Galiza coma entidade diferenciada, e construir umha unidade política com capacidade de seu para tomar decisoms. É um movimento inegavelmente autonomista, ainda que nom fica claro até que ponto se quer esticar esta autonomia. Em todo o caso, é a primeira reivindicação

Seria um erro acreditar na existência dum discurso soberanista explícito no galeguismo de 1846, do mesmo jeito que seria um erro tentar ler os factos ocorridos nesse tempo com a linguagem política a que estamos afeitos e afeitas hoje em dia

O levantamento militar do Coronel Solís apanhou os provincialistas numha época em que o movimento galeguista ainda se estava a formar

da nacionalidade galega, num sentido mais romântico do que jurídico, e o começo dum movimento reivindicativo que iria tomando distintas formas e nomes, sempre com a mesma essência emancipadora, até chegar ao nosso soberanismo atual. Justo Beramendi, Catedrático de História Contemporânea da USC, explica como nom houvo em nenhum momento do levantamento umha referência à Galiza como sujeito de soberania e que só se referiam em termos de nação em passado, nunca em presente. Um dos historiadores da EPG crê que nom temos necessidade de reinventarmos a história, “nom sou favorável aos anacronismos, nom há necessidade de desenhar o passado segundo os nossos interesses”. O historiador da EPG incide na importância que tivo o levantamento dos Mártires para o nascimento do galeguismo político, que cada época histórica tem umhas características e um programa político diferentes, “para mim isso já é avondo”. Aurélio Lopes, do órgão Porta-voz Nacional da Causa Galiza, concorda com o historiador da EPG: “tendemos a subestimar a nossa história, temos que recordar os trunfos, e de Lugo saímos vitoriosos em 46”, “a nossa memória coletiva é fundamental para a nossa consciência nacional”.





## NÃO AO CAMPO DE GOLFE NA SIRADELHA



Sole Rei

Esta libelinha vive numa lagoa situada numa área incluída na Rede Natura 2000. Trata-se dum complexo

intermareal por que cada ano passam milhares de aves, que escolhem o abrigo da zona compreendida entre o istmo de acesso a

Ogrobe e a desembocadura do rio Úmia como destino migratório.

Esta libelinha vive na ladeira dum monte reco-

nhecido internacionalmente por fazer parte dum complexo dunar dos mais completos da Europa, que se prolonga

do Bao às beiras da praia da Lançada, até o monte da Siradelha. Esta libelinha compartilha hábitat com espécies vegetais e com comunidades de anfíbios, répteis e insetos que gozam dum espaço incluído na Convenção de Ramsar como Zona Húmida de Importância Internacional, considerado Zona de Especial Proteção para as Aves (ZEPA), Refúgio de Fauna e Espaço Natural em Regime de Proteção Geral.

Esta libelinha vive num ambiente protegido em que o empresario Rafael Sáenz-Díez Malvar pretende construir “o primeiro campo de golfe em zona dunar”, que quer situar em terrenos cedidos pola Comunidade de Montes de S. Vicente e da Deputação de Ponte Vedra. Esta libelinha vive numa zona que para muitos habitantes de Ogrobe deve continuar a ser o que é: uma área protegida em que se limite a intervenção humana.

### CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

Pedro Casteleiro nasce em Ferrol no ano 1968. Na Universidade de Santiago de Compostela enceta uma tarefa de publicação de livros, artigos e direção de revistas bem como de vários programas radiofónicos. Fez parte do grupo poético Hedral, e é colaborador do blogue literário *O Levantador de Minas* e do Observatório Galego da Lusofonia. *Séfer Sefarad* é a obra poética em que está a trabalhar.



por Pedro Casteleiro

## Media vita (No centro da vida)

“E se tu não existisses?”  
José Manuel Capêlo,  
in *memoriam*.

Além dos olhos, da hesitação do nome, há um território para os amigos da penumbra e a Saudade é quem conduz aos campos intocáveis, pelos caminhos da memória, para que o nosso antigo amor se desvele como se amanhecesse.

Lembro-te engrinaldada com dias que hão de vir sobre a relva deitada docemente trespassada por um rio alto de prata e luminárias, como o trigo em agosto sobre a terra natal. Lembro as árvores que dançam no caminho

e a calma latitude do rio, na pupila da sombra, companheira agreste

do centro da vida.

Dous guerreiros lutam quando a lua floresce e até ao fim do mar se escuita o corpo contra o corpo; perfumado em bruma e ouro, desleixando-se em anéis

sobre as montanhas, com a doçura da carne a cintilar perante a morte.



## LÍNGUA NACIONAL

# Clube estranho

Valentim R. Fagim

Dizia Groucho Marx que nunca pertenceria a um clube que o aceitasse como sócio.

Recentemente a TV3 elaborou um vídeo sobre o encerramento da cadeia em Valência por parte da Generalitat. Um dos fragmentos recolhe um candidato do PP local a falar num comício. Começa animoso a querer falar do seu poble mas o pessoal entre o público grita: *en castellano, en castellano*. O político traga sali-

va, um bocado perplexo e exclama: *hablo en castellano, como querais, perfecto*, bebe um copo de água para esconder a sua conturbação e reconstrói um sorriso forçado que o obriga a esticar todos e cada um dos seus músculos faciais. Quem vê o vídeo fica com dor na cara.

A seguir no vídeo aparece uma mulher a pedir desculpas. Para se acautelar, e visto o que se passou com o sorridente companheiro, opta pela auto-inculpação: *en*

*primer lugar pediros disculpas si en algún momento me paso al valenciano pero es mi lengua materna y tengo ese defecto. Si lo hago, me perdonais.*

Ambas as intervenções som aplaudidas com fervor.

Esta Espanha é um clube assim estranho. Exigem que pertençamos a ele mas nom nos aceitam como sócios.

Recentemente a TV3 elaborou um vídeo sobre o encerramento da cadeia em Valência por parte da Generalitat. Um dos fragmentos recolhe um candidato do PP local a falar num comício e a mudar de língua



- Há que defender a Espanha.  
- Melhor seria que a Espanha nos defendesse a nós.

Castelão. Cousas

## CINEMA PARA PENSAR

# Umha mulher em Berlim

Francesco Traficante

Baseado num livro escrito sob o mesmo título que o filme e assinado sem nome, isto é, "Anonyma", nome que fai referência por um lado à própria narradora dos fatos, e, por outro lado, à invisibilização das mulheres também nos conflitos bélicos e particularmente à ocultação da história das e destas mulheres. É interessante aliás por apresentar-nos umha visom diferente da última Guerra Mundial. Dirigido por Max Färberböck em 2008, amostramos com total rigor cénico o Berlim destruído, atacado e conquistado pelas tropas soviéticas. A mulher, jornalista e que fala russo, narra a evolução do seu relacionamento e o das mulheres berlinesas com os militares invasores da cidade, desde as violações sistemáticas que sofrem, até a eventual procura de saídas para mitigarem o padecimento provocado sobretudo polas contínuas agressões sexuais. Praticamente ausentes os homens neste contexto, as mulheres aparecem como os objetivos propícios para os militares soviéticos exercerem contra elas violência sexual e a sua sede de vingança polos assas-

sínios, torturas e violações que o exército alemão cometera contra a população da URSS. De fato, mesmo nalgum momento do filme aparece a descrição das atrocidades cometidas polo exército germano. O filme também nom trata de exculpar as mulheres, pois ao longo dele fica claro, nomeadamente no caso da autora, que estas mesmas mulheres foram cúmplices do nazismo, racistas com os judeus e entusiastas da guerra. Mas justamente por isso, damo-nos conta da universalidade do patriarcado, pois tanto nazis, comunistas ou defensores das democracias burguesas som os seus defensores. Nengum destes regimes políticos evitou converter as mulheres em botim de guerra. Os soldados soviéticos violam e violentam a dignidade das mulheres de forma totalmente aberta na rua e com o visto dos seus oficiais e superiores. Se o princípio da Revolução Russa falava de um homem novo, era justamente isso, um homem novo onde mais umha vez a mulher ficava totalmente à margem das estruturas de poder e a mercê dos homens, tal e como já acontecera na outra grande Revolução, a Francesa de 1789. Que dizer do fascismo, regime machista por



excelência! Eis a razão de que também os soldados soviéticos as utilizem para nelas se vingarem. Só quando os dias vam passando, o relacionamento da protagonista com alguns dos soviéticos se vai humanizando e vai revelando como ambas as partes estão profundamente traumatizadas por umha guerra cruenta. Estas mulheres alemãs foram cúmplices sim, mas também em muitos casos como simples mecanismo

de sobrevivência numha sociedade hitleriana dominada absolutamente polos homens. De fato, muitas das mulheres que compõem casa com Anonyma acabam desenvolvendo também mecanismos de sobrevivência, daí que se possa pensar numha troca de dominadores, os antigos por outros novos. Essa era a única via que tinham para sobreviverem. Som mulheres, seres humanos, que optam por viverem

bem na paz e por sobreviverem na guerra, mas sem questionarem as leis da dominação masculina em nengum dos dous casos. Criticável? Pior do que outras atitudes? Este sistema patriarcal permanece e ainda se faz mais patente quando as tropas soviéticas marcham e essas mesmas mulheres som na maioria dos casos rejeitadas polos seus maridos ou companheiros por "indignas". Tal foi o trauma que criou na sociedade alemã o conhecimento das violações massivas das mulheres polos soldados soviéticos, que quando o livro se publicou em 1959, foi tam fortemente criticado e rejeitado que a autora decidiu que nom se voltasse a reeditar até que ela morresse, o qual aconteceu em 2001. Ficou a autora anónima e invisível, antes e após a sua morte. Reeditado o livro com grande sucesso em 2003, deu lugar ao filme apenas cinco anos depois. Falamos de um filme paradigmático que se poderia aplicar a qualquer das guerras, também às guerras actuais, mas destaca-se a sua originalidade por dar-nos umha visom da Alemanha da primavera de 1945, nos últimos meses da guerra, que apenas tínhamos visto no cinema até agora.